

Encontrar-se

AMANDA ROSA DE SOUZA

ENCONTRAR-SE

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção de título de bacharel
em Artes Visuais pela
Universidade

Orientadora: Dra.Christiana Quady Firmato Brant

BELO HORIZONTE

2019

Agradecimentos

Deixo aqui minha gratidão a sua querida mãe, Dona Iolandina, que levava sua filha todas as quintas-feiras nas aulas de pintura em tela antes da faculdade, pois através destas aulas Amanda Rosa descobriu o que queria contribuir com a sociedade, encontrar sua profissão, sonhar em ser artista.

Deve todo seu mérito ao seu querido pai que em vida sempre apoiou sua caçula a estudar e a não ter medo de escolher o caminho da arte. Ele a esteve acompanhando desde seu primeiro dia de vida, e ensinou com seus atos e memórias compartilhadas a ter consciência de suas raízes afro-brasileiras.

Obrigada aos irmãos atenciosos de Rosa, vocês a ensinaram a importância de estudar desde o momento que deram a ela um curso preparatório de presente para que assim pudesse ingressar em uma escola de ensino médio técnico. Agradeço também aos bons conselhos através das experiências vividas em ambientes escolares. Irmão Felipe, obrigada pelos ensinamentos de cor, forma e conceitos referentes a arte antes mesmo de sua irmã mais nova ingressar na graduação...foram de extrema importância para a mesma, para buscar diversas referências.

Professora Chris, obrigada por ajudar Amanda a quebrar bloqueios quando se trata de pinturas e expressão artística, ensinamentos sobre forma, cor e composição e mercado das artes. Sua forma de ensinar foi além do que os professores universitários compartilham com seus alunos: foi lindamente humana e paciente com o processo de escrita dessa artista em formação,

principalmente quando esteve, de uma certa forma, fechada a instruções e críticas de acadêmicos devido a experiências desastrosas que a congelaram no tempo.

Essa biografia não é de minha autoria, e sim de todas essas pessoas que ajudaram essa jovem pintora a trilhar seus caminhos, e claro, seus sensíveis trabalhos durante o curso na Universidade. Para exemplificar minha ação neste livro, gosto do que o grande médium espírita Chico Xavier dizia sobre suas próprias publicações: suas obras assinadas foram psicografadas, então ele afirmava que foi apenas uma ponte, que emprestou seu corpo para que autores como o espírito de André Luiz e seu mentor espiritual Emmanuel escrevessem suas obras. É nesta situação em que me encontro - apenas um intermediário - obviamente não estou me comparando a grande magnitude de Chico e seu mentor espiritual - entre o trabalho de Amanda e seus registros pessoais escritos e ao compartilhamento de sua história para a população. Sou apenas uma espécie de médium de Rosa.

Quem sou eu? Bom, as páginas seguintes revelarão quem sou e como tive acesso aos arquivos pessoais de Amanda Rosa. Podem considerar de início que sou alguém bem próximo dela, até espiritualmente falando.

Sumário

Encontrar-se: Fios e palavras.....	6
PARTE1.....	10
A Poética.....	10
Encontrar-se	11
Pressão para ser perfeita.....	12
Cabelos crespos e lugar de fala.....	14
Seus amores platônicos.....	20
PARTE 2.....	22
Poética pictórica.....	22
11 de abril de 2015, Belo Horizonte.....	25
23 de setembro de 2016, Belo Horizonte.....	28
9 de abril de 2017, Belo Horizonte.....	30
25 de maio de 2018, Belo Horizonte.....	37
20 de dezembro de 2019, Belo Horizonte.....	46
Quem é o autor deste livro?.....	47

Encontrar-se
Fios e palavras

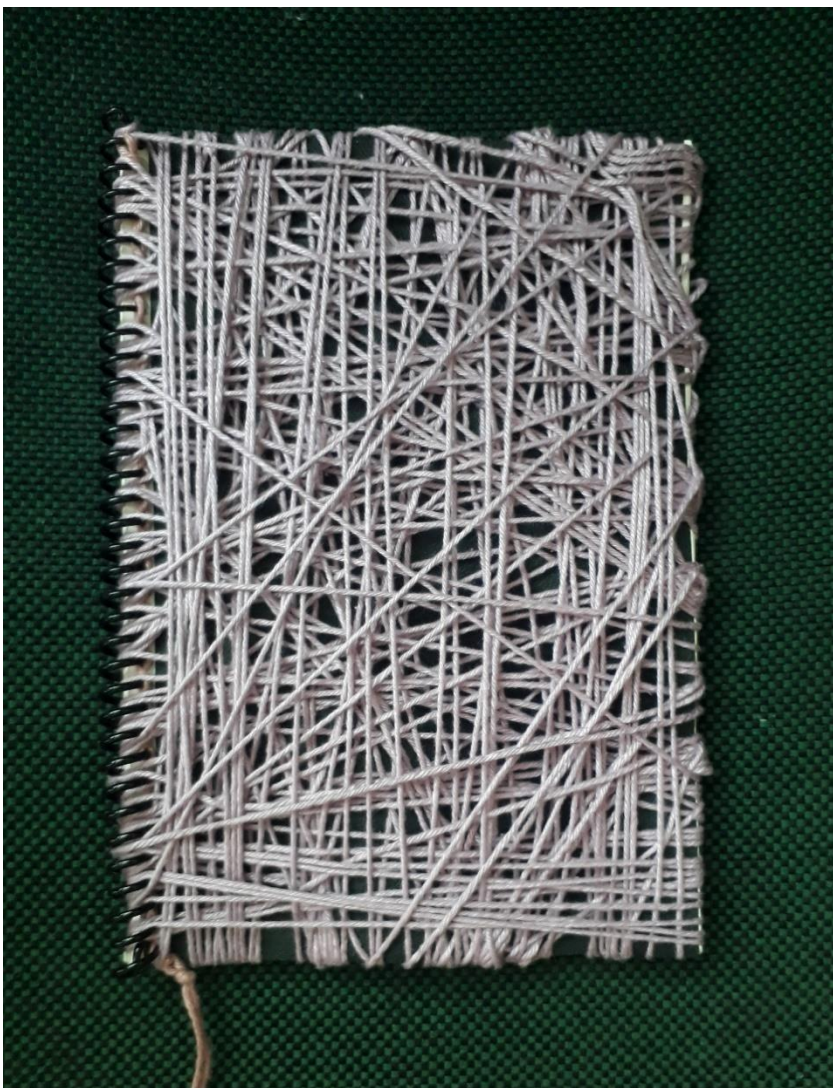


Imagem 19
Trabalho de Conclusão de Curso Impresso



Imagem 20
Trabalho de Conclusão de Curso Impresso



Imagem 21
Trabalho de Conclusão de Curso Impresso

Parte 1

A poética

Ao longo do curso ela compreendeu sua forma de trabalho, não conseguindo produzir imagens sem refletir na vida emocional; pensa estar tudo bem, pois não se preocupa em apenas se exorcizar-se mas também se pergunta: como devo compartilhar o que já compreendi para quem sente o mesmo e como colocar isso na produção artística?

Não se imaginava em outro lugar: a arte sempre foi seu refúgio para os problemas cotidianos, superação de traumas e na busca de encontrar seu lugar no mundo. Decidiu então trilhar o caminho da arte, puramente para expressar suas inquietações e desejos, um modo que encontrou para enfrentar a selva em que vivia. É impossível - segundo essa mulher - desligar se do lado sentimental, dividir-se em duas.

Encontrar - se

Diz conviver com humanos e não máquinas, o mundo está cheio de pessoas sem sensibilidade pelo próximo. Ela se sentia na obrigação de combater isso com sua expressão artística. Ser flexível e aberta, em sua perspectiva, nunca foi e será sinônimo de fraqueza e piedade de si mesma, pelo contrário, pensa ser um bom caminho para aproximação do espectador com o seus trabalhos artísticos.

Houve uma mudança no processo de sua criação na arte: por muito tempo escolheu a pintura não figurativa como instrumento e resolveu ampliar os modos de expressão. Iniciou então a pintura do corpo humano, especialmente retratos no início do Curso. Durante esse tempo, também tentou mostrar para a sua família que é uma boa pintora, que não está na Faculdade para brincar, acabou se esquecendo das cores e traços que desejava e reproduzia telas que eles queriam que pintasse. Amanda sempre escrevia em seu diário o quanto isso a fazia sofrer e isso a influenciava em anular-se completamente.

Aconteceu outro contratempo em seu caminho: desde o início da graduação procurou de alguma forma se representar, ser quem ela era, ou a busca disso. Uma vez um acadêmico lhe disse

que autorretratos não faziam sentido, pois não era uma artista conhecida inserida no mercado das artes, ou seja; para essa pessoa seria relevante a ausência de fama. Isso marcou muito, tanto que parou de pintar seu rosto e fugia de qualquer possível aproximação de seu *eu* nas pinturas. Buscou então modelos que se pareciam consigo, com seu cabelo, enfim, buscava nas outras seu *eu* e o eu que gostaria de ser, da aparência que gostaria de ter (como modelos) e uma certa cantora *pop* estadunidense.

Gostaria de se despir de tudo o que a assusta, fere, imobiliza. Deu muitas voltas tentando pintar pessoas de sua família, como seus pais, tios, sobrinhos e irmãos. Tentou projetar-se nos outros, já que na tela não poderia ter seu rosto.

Pressão para ser perfeita

Se era para começar a pintar rostos, então que fosse o que mais conhecia - o seu. Isso facilitou na observação da figura humana e cores por ser uma face familiar, segundo seus escritos pessoais. Também porque sempre teve uma obsessão por seu rosto: todos os dias ao olhar no espelho tentava consertar os olhos com lentes de contato - abandonando as duas janelas vermelhas

que os ocultavam, que eram seus grandes e expressivos óculos de grau. Também sua pele e principalmente o seu cabelo cacheado - crespos e descoloridos. Todo esse rigoroso esforço para tornar sua aparência mais aceitável pela sociedade, é o esperado não é mesmo?

Na maioria do tempo, antes de voltar a pintar autorretratos, pesquisava imagens diversas pela internet de mulheres modelos brancas e negras como referência para as pinturas, mas no fundo procurava encontrar-se nelas, ter a aprovação de silhueta e rosto igual as *Angels*, as supermodelos de uma marca de roupas íntimas feminina. Uma vez descreveu no diário seu encantamento por desfiles de moda dessa grife e o quanto era fã de uma modelo sul africana que fala português. Desenhou e depois pintou um retrato da *Candygirl* colocando nela cabelos crespos. Descrevo porque tive a oportunidade de ver esses trabalhos. Naquela pintura era possível notar uma tentativa em transformar aquela mulher do *fashion show* em uma mulher real, igual a própria Rosa.

Talvez essa procura por mulheres que apresentam características do belo ideal, em seguida inseridas em suas telas, refletem sua outra obsessão: manter-se magra. Desejava ter a numeração de roupa pequena como uma modelo que pesa trinta

quilos e que ingere somente mingau para desfilas em lugares importantes. Em sua inquietação com seu corpo e com padrões de beleza impostos, refletia que ainda há muito o que questionar e desconstruir ao produzir artisticamente, e esses trabalhos refletem a sua oscilante estima.

Cabelos crespos e lugar de fala

Uma página de seu diário nos mostra a importância em seu trabalho de mostrar seus ancestrais e sua inquietação desde a infância por ter cabelos fora do padrão de beleza imposto pela sociedade.

Mas, ao mesmo tempo, ao longo da minha vida sempre tentei ficar em paz com o rosto e cabelos que Deus me deu, desde a infância. Ainda existe muito conflito entre esses dois lados meus: o lado que me fere com tantas cobranças e apontamentos negativos e o outro que me trata bem, incentivando a continuidade na minha restauração emocional. Ao emprestar minhas feições penso que ilustra bem a diversidade étnica: minha pele é clara e

meu cabelo é crespo, o que não é raro em nossa terra.

As crianças brasileiras de cabelo crespo, incluindo eu mesma, nascem já ensinadas a achar seu cabelo feio e inferior aos fios lisos, até os familiares (com madeixas crespas) ajudam a alienar escondendo o volume natural dos mesmos com amarrados fortes em suas cabeças, sempre molhados para atingir o mesmo objetivo citado, todos os dias. Minha mãe e minhas irmãs usavam em meus fios pentes de cabelo inapropriados para sua textura: possuíam dentes finos e estreitos, ao invés de um pente de dentes largos. De jeito nenhum podiam estar soltos. No primário me perguntava: “Por que a minha coleguinha de cabelo liso usa os cabelo solto e eu não posso? Por que minha mãe molha todo o dia e prende muito apertado? Por que meu cabelo não é bonito?”, aprendi também o que a sociedade o chama : cabelo ruim.

Como toda criança inocente aceitei esse tipo de tratamento aos seus fios. Mas cabelo crespo também é cabelo bom e bonito. Mas estou longe de julgar a ação da minha família nesse ponto porque meus pais, irmãos e irmãs sofreram o mesmo: como já disse, o mundo quer que cabelos crespos sejam alisados, narizes sendo modificados para parecer como os dos brancos e peles negras clareadas com cremes. Então minha família também foi

atingida, apenas estão devolvendo o que aprenderam, a didática racista.

Os fios crespos me fazem associar coisas que pra uns é loucura, como comparar objetos com os cabelos, por isso tudo que tem curvas, linha me fascina. Presto atenção também em cada detalhe: um olhar, pontas dos dedos, o zoom das partes corporais proporcionam para meu trabalho até telas abstratas, enfim nas sutilezas essa matéria é nosso templo sagrado, lar da alma e merece seu devido respeito. Represento de variados tons coloridos sem me preocupar com o famoso tom de pele.

Você deve estar se perguntando: ‘De onde Amanda Rosa veio? Onde viveu sua infância? Qual é a história de sua família? O que a fez estudar artes visuais?’ Pois bem, segue uma página de seu diário onde descreve como foi seu início de vida na Vila São José e de onde veio o despertar para as artes:

Nasci e fui criada na comunidade São José, no beco São Bento, junto da minha mãe, pai e seis irmãos, diversos becos que hoje se transformaram em conjuntos de prédios, onde criou-se o

bairro Manacás. A família é humilde, meus pais nasceram no interior da cidade de Caratinga. Meu pai veio para Belo Horizonte aos 22 anos, com o objetivo de trabalhar e ajudar seus irmãos a não passar fome, aos poucos todos eles vieram e se instalaram na capital. Mãe nasceu em Alvarenga, ainda bem pequena minha avó a colocou em um ônibus com uma trouxinha de roupa para trabalhar em Caratinga. Conheceu seu futuro marido, muitos anos depois, faxinando a casa da tia de meu pai. Em seguida se casaram em Belo Horizonte. Ele teve que criar seus sete filhos apenas com o equivalente a um salário mínimo, mamãe passou toda sua vida dedicando-se a criação de seus filhos também: um grupo familiar católico e conservador.

Apesar dos moradores desta vila terem sido indenizados com um apartamento, as pessoas desse lugar continuam com os mesmos hábitos, oportunidades iguais, ou a falta delas, isto é, a vila, a periferia, continua, mas agora em prédios. Enquanto estou indo para a faculdade, crianças ignoradas brincam descalças na quadra enquanto seus pais trabalham ou arrumam a casa, ou até mesmo não trabalham e ajudam seus outros filhos adolescentes a vender drogas. A polícia finge uma abordagem, mas provavelmente vieram buscar sua parte no lucro do tráfico para, continuar a fazer a chamada vista grossa. Fardados arrombam portas para cobrar seu

dinheiro, depois saem com faróis apagados da viatura. Minha vizinha de menos de quinze anos já é mãe de um filho de traficante, largou a escola por conta da gravidez. Uma criança chora no primeiro andar com muita frequência, sua mãe a abandonou, a avó tem pouca paciência e bate, por pensar que é uma correta forma de educar, certamente repete o que foi ensinado quando criança. Em poucos minutos a mente registra a consequência de haver tanta desigualdade em nossa sociedade, onde uma jovem afrodescendente pobre e que mora na comunidade tem o privilégio de estudar em uma universidade pública, enquanto outros jovens não têm a mínima noção de seus direitos como humanos.

Estudei o primário em uma escola evangélica, no ensino fundamental e médio, em escolas públicas, meus irmãos igualmente. Pai foi alfabetizado até a quarta série do ensino fundamental por sua tia no interior, ela adotava o uso da palmatória para quem escrevesse usando uma letra que julgasse inadequada. Mãe frequentou a escola pela primeira vez com doze anos, tinha dificuldades em enxergar as palavras no quadro, a professora sem entender sua fragilidade ocular a repreendia, estudou até a quarta série por se identificar como incapaz de ler o que se escrevia no quadro e, assim como meu pai, deixou a escola para trabalhar. Aos cinquenta anos ela

completou a quinta série, em um projeto de ensino para maiores de dezoito anos, o EJA, em uma escola pública.

Fui uma criança que desenhava e brincava de boneca ao invés de jogar bola na rua Sermão, essa sem saída perto do início dos aglomerados, claro que minha opção por passar o tempo em casa foi fruto de limites dados por minha mãe, que não permitia que brincasse na rua, a protetora tinha medo que sua filha fizesse amizades com crianças usuárias de drogas e com os traficantes, e então passar a fazer o mesmo.

Desde cedo desenhava em casa, criava meninas com roupas em evidência, queria ser estilista, mãe não gostava de me ver com os objetos de escola nos finais de semana, mas eram minha diversão e ficava quieta desenhando e colorindo minhas bonecas, criando roupas. Minha mãe é costureira e passava o dia em sua máquina de costura, retalhos para todo o chão e dentro de sacolas plásticas grandes, eu que sempre gostei de brincar de bonecas, vi a oportunidade de continuar criando roupas, assim como no desenho, mas também de uma forma mais concreta, contato direto com o vestuário, construindo uma peça com nós e tecidos. Na adolescência comecei a pintar, mãe me levava no Padre Eustáquio e tinha a paciência de aguardar três horas me observando a usar um pincel. Fim do terceiro ano do ensino médio decidi que era o que queria ter como profissão,

ser pintora, ser artista visual. E assim fiz, passei no vestibular e estou finalizando meu bacharelado em pintura.

Arquivo pessoal de Amanda Rosa durante a graduação na Escola de Belas Artes UFMG 2014 a 2019

Seus amores platônicos

Todas as crises depressivas que Amanda já teve nos últimos oito anos - segundo seu conjunto de relatos feitos a mão, foram por causa de uma coisa: paixão platônica ou amor platônico, como queiram. Todas as vezes que queria morrer ou surgia uma explosão de fúria e raiva, era por causa de um afeto não correspondido. Parece que estava presa em um ciclo pouco saudável e que eles todos só mudam de rosto. As atitudes são as mesmas. Há homens para achar essa mulher bonita, transformando-a em um objeto, mas para fazê-la feliz nunca.

Mandy, apelido que sua irmã colocou, tem uma coleção de livros de romance de uma gama de autores. É incrível como

consegue se lembrar de quando criança o fascínio pelas princesas de contos de fadas e o hábito familiar de assistir novelas, o que consequentemente virou sua rotina durante um bom tempo. Achava lindo mulheres suspirando pelo seu amado e sofrendo por eles. Na inocência de uma garotinha de nove anos não havia a consciência de que aquelas atitudes eram doentias, e que aquelas cenas representam o que mais agrega valor comercial, por isso está na televisão. Escreve isso porque a psicóloga lhe disse que a menina que acha lindo morrer por amor ainda existe.

Parte 2:

Poética pictórica

Trago nas próximas páginas fotografias de obras da artista pintadas durante o período da graduação. Estas fotografias foram tiradas quando visitei a alguns anos atrás o local onde se abriga suas obras. Abaixo dessas, escritos da própria Amanda, desde o processo de construção de uma imagem até os materiais utilizados no ateliê acadêmico e em sua casa. Encontramos aqui, confissões de métodos de produção pictórica e também quais as pessoas de seu cotidiano que a motivou produzir um trabalho de figura humana, no que se refere a expressão artística.

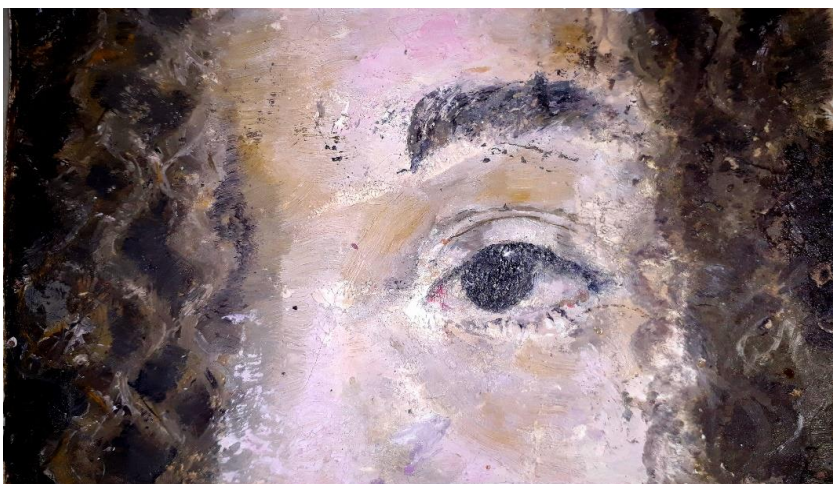


Imagem 1
Sem título
Óleo sobre papel
2015



Imagem 2
Sem título
Óleo sobre tela
2015

11 de abril de 2015 , Belo Horizonte

O que é um fio? O que ele constrói? Onde ele se integra? Onde se encontra? Um fio pode ser o princípio de uma construção de algo material, onde surge à trama, o tecido. Muita coisa pode ser uma trama, como por exemplo, a pele humana e suas camadas, os fios de todo o corpo e em especial aqui, os do couro cabeludo, os cabelos. Então, talvez, ao entender o fio pode ser uma forma de aproximação do respeito e empatia em relação a outro ser vivo de sua própria espécie, com os mesmos sentimentos e capacidade intelectual.

Um papel pequeno coberto de óleo é testemunha de um período de muitas incertezas: o que é pintura? Eu sei pintar retratos? Como é pintar retratos?

Em busca de respostas reproduzi o mesmo olhar calmo, porém misterioso diversas vezes, o eterno faz e desfaz. Em um tecido preparado com gesso durante meses onde empreguei inúmeras pinceladas a óleo usando pincéis macios e rígidos, com auxílio de médium alquídico ou não. Essa pintura suportou durante mais de três meses minha obsessão por encontrar as tais respostas. Mas nem de longe explicou as inquietações citadas existentes em meu espírito naquela época e sinto que nunca as encontrarei.

Todo esforço da minha parte gerou vasta experiência com cores e técnicas de materiais pictóricos. Durante esse período, também tive a oportunidade de estudar grandes artistas como, por exemplo, Lucian Freud, o mestre das pinceladas, Leonora Weissmann com suas pinturas extraordinárias e Leonilson com sua delicadeza. Este último, o criador da obra 'Rapaz tímido' (1990), disse em uma de suas gravações em forma de diálogo que se importava com as pessoas e que tinha o desejo de torná-las curiosas como ele. Posso afirmar que comigo seu objetivo foi alcançado, o amor por aprender a todo momento é inesgotável. Grata a todos os prodígios que me inspiram todos os dias a pintar.

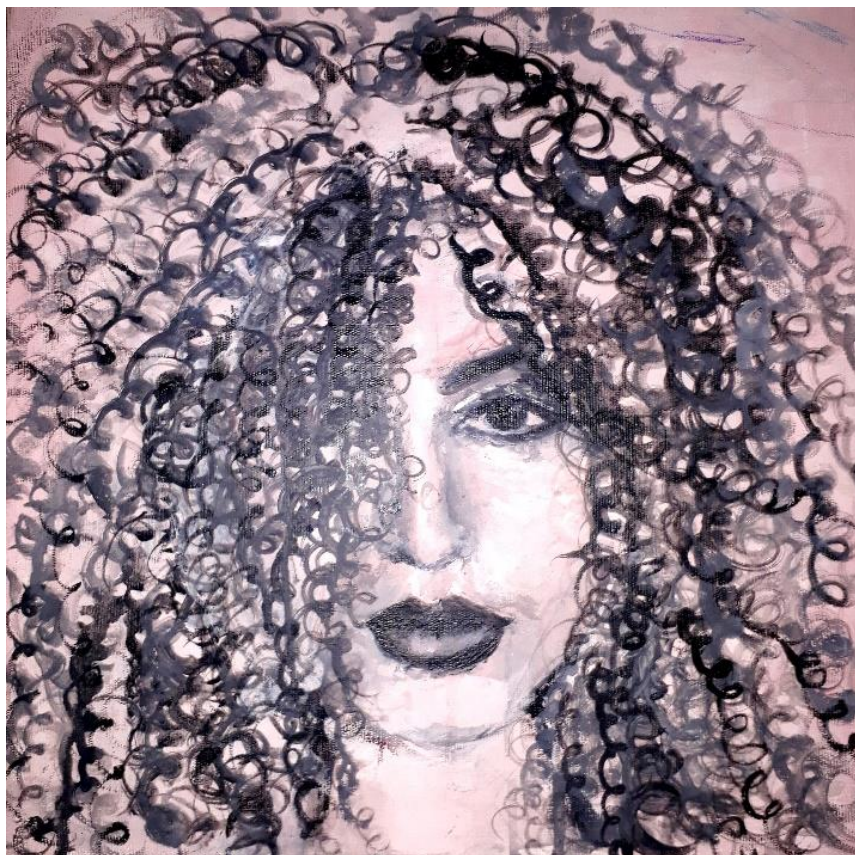


Imagem 3
Sem título
Têmpera vinílica e acrílica sobre tela
2016

23 de setembro de 2016 , Belo Horizonte

Experimento aqui algo que foge do que ando procurando. Aproveito para testar aqui como seria um rosto pintado com apenas uma tonalidade de tinta, ao cobrir uma camada suave esbranquiçada, explorando as possibilidades de redução de cores e sua consequência no tecido de uma tela. Crio uma sequência de estudos em tons claros e leitosos no plano de fundo, com a ajuda exagerada de um látex. Abandono por alguns meses a tão usada por mim tinta óleo. Ao invés de pinceladas densas, reproduzi algo que migra para o lado gráfico da imagem: aguadas de tinta acrílica e têmpera vinílica em tons de cinza sobre fundo rosado mostram o desprendimento com a densidade pictórica antes planejada.

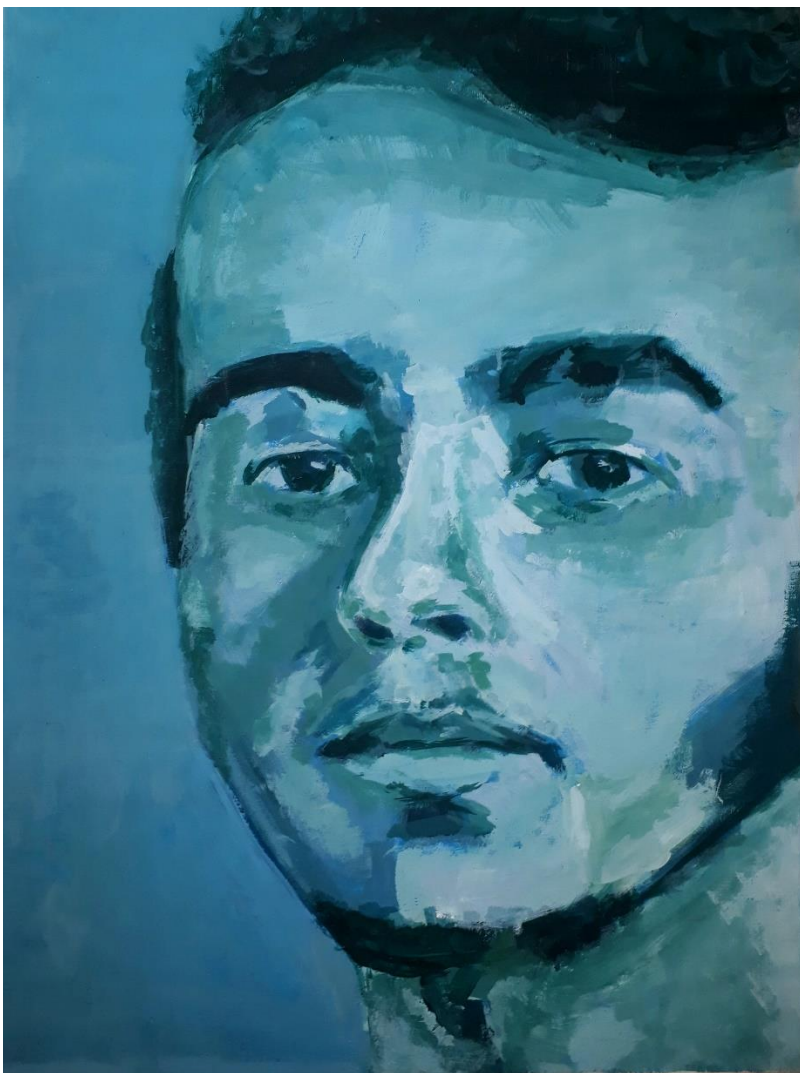


Imagem 4
Sem título
Têmpera vinílica e acrílica sobre tela
2016



Imagem 5

9 de abril de 2017 , Belo Horizonte

Pai querido obrigada por tudo que me ensinou em vida e o que me ensinou mesmo após a seu desencarne com a memória que seus irmãos dividiram comigo. Eu gostaria de ter um grão de areia de coragem e força que o senhor teve para ajudar tanta gente da nossa família. Todos nós aqui em casa ainda repetimos seus ditados preferidos e divertidos.

Relembrando toda sua vida de caridade, chego a conclusão de que preciso ser uma boa menina para ter o presente de estar em uma colônia espiritual tão evoluída igual a que o senhor deve estar. Tenho tanta coisa para te contar, imagine tudo isso até chegar a minha hora de partir.

Ainda estou desenvolvendo minha mediunidade, iniciante, então não consigo me comunicar contigo, mas fiquei aliviada de saber pelas entidades que está bem e se recuperando dos problemas de saúde gerados pelos males terrenos, como cigarro e álcool. Desejo o melhor até ficar bom o suficiente para ir para um plano cheio de luz.

Procuro uma maneira de expressar todo o meu amor pelo senhor e ao mesmo tempo conciliar os estudos na faculdade, então resolvi pintar seu rosto a partir daquela fotografia onde deve ter, naquele tempo, a minha idade atual. Sabe qual é? Em preto e branco?

Pois bem. Essa pintura faz parte de uma série de telas quase monocromáticas, período onde dei uma pausa na pesquisa que acontece um diálogo com a tapeçaria e a pintura, de fundo cor de doces com o objetivo de ir além de tons de pele mais conservadores, ou seja, fugindo um pouco do amarelo ocre, caramim, vermelho chinês e sépia juntos até formar tons de pele tradicionais utilizados por mim até então, tentando imitar as

cores vistas em pessoas neste plano terrestre. Não vejo problemas nisso, mas preciso desconstruir algumas formas de representação.

Durante a feitura dessa pintura do senhor, utilizei técnicas de têmpera vinílica e acrílica, pinteí durante uma madrugada para não sofrer tanto em ver seu rosto por muito tempo, então teve que ser um trabalho rápido, fugindo do padrão Amanda onde um semestre é quase pouco para fazer somente uma pintura.

Espero de todo o meu coração, pai, que fique satisfeito em ver meu estudo sobre sua imagem, sua face, em sua última reencarnação como Genício, e quando nos encontrarmos novamente, seja quando estiver em mediunidade desenvolvida ou em meu desencarne, espero ouvir o que achou do meu trabalho. Até logo meu eterno herói.

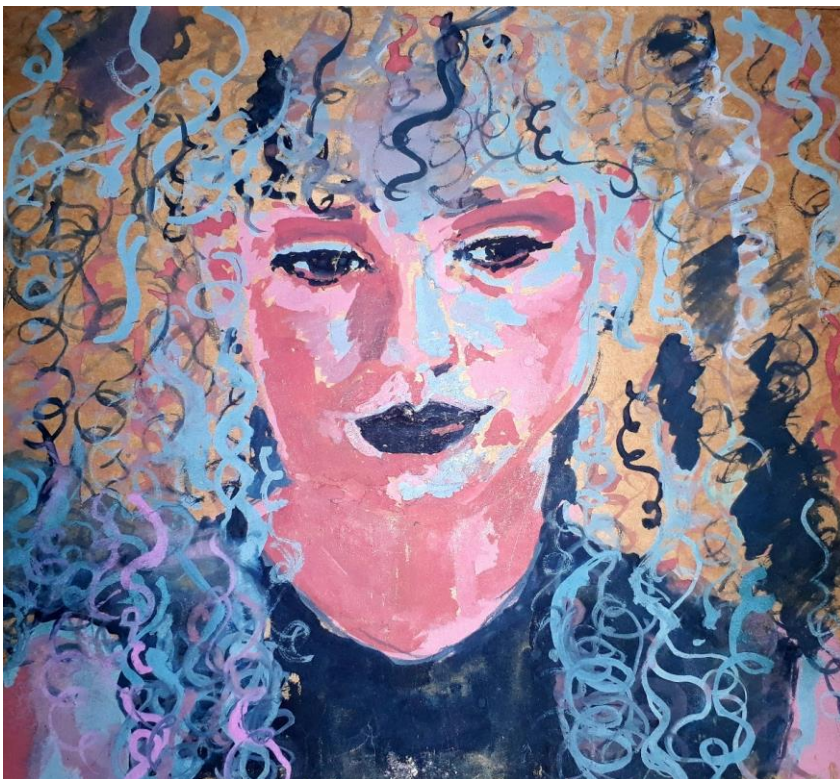


Imagem 6
Sem título
Têmpera vinílica , acrílica e óleo sobre papel
2018

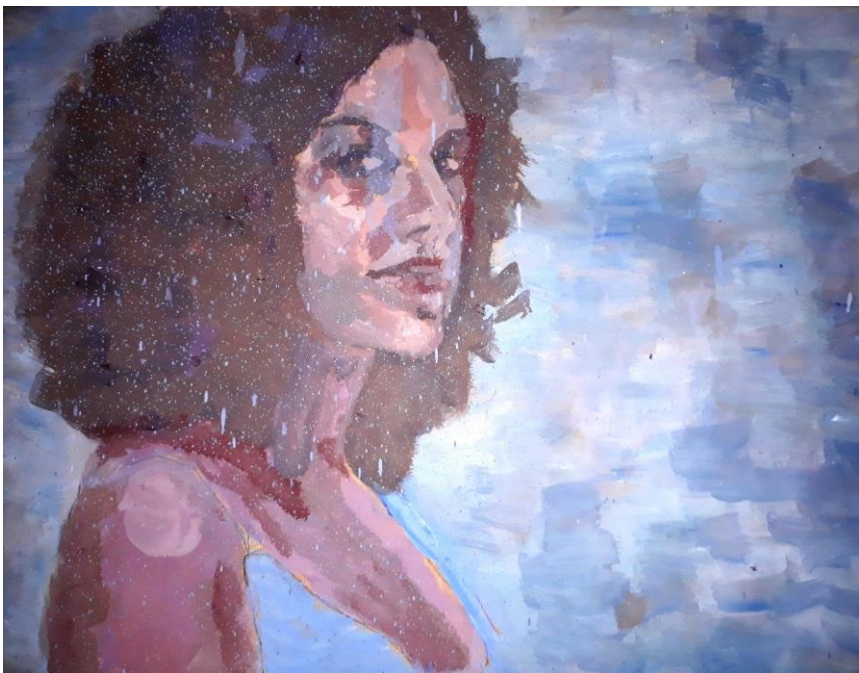


Imagem 7
Sem título
Óleo sobre madeira
2018

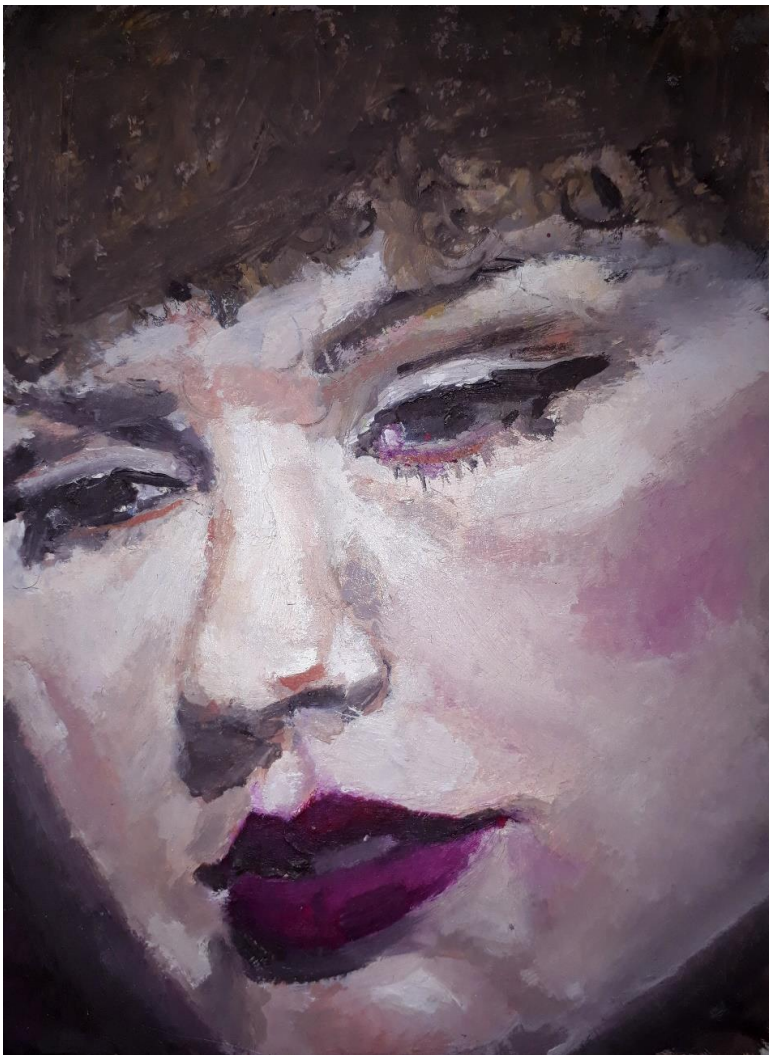


Imagem 8
Sem título
Óleo sobre papel
2018



Imagem 9
Sem título
Óleo sobre tela
2018

25 de maio de 2018, Belo Horizonte

Ele estava em meu trabalho por longos três meses, apresentei seu retrato, para a avaliação do primeiro ateliê de pintura na universidade em que estudo, fruto de muita dedicação. Sendo assim, estava pronta para entregar o presente ao homem que tanto amava. Assim o fiz, e depois de alguns dias esse mesmo homem estava em um relacionamento sério com outra mulher. Aquilo foi como um choque direto em minhas entranhas, como assim? E a história de não estar preparado para um relacionamento sério? Provavelmente foi uma bela desculpa para me prender a “seu lado” por um ano.

Tamanha inquietação estava no meu peito que resolvi desenvolver pinturas me representando em outras mulheres. Pretendo colocar toda a dúvida e insegurança que podemos sentir em uma situação obscura igual a essa. Além do mais tenho vergonha de assumir que sou eu a vítima deste infortúnio que o universo me fez enfrentar.

Então desse modo pesquisei as imagens de mulheres que pudessem estar em meu lugar, fazendo uma fuga de mim mesma. Mas ao mesmo tempo, meu estado de espírito estava no emaranhado de manchas de alguma forma: estava presente no olhar desapontado em tons e azul ultramar, na carne rosada de grandes contrastes de luz e sombra, nos lábios quietos e nos fios crespos que permitem o papel pardo

se manifestar na composição pictórica. A intenção a princípio ainda era fazer uma materialidade na pintura - me refiro ao sentido concreto da pintura, no uso de tintas na tela - mais intimidadora, imponente, e ousei também simplificar a construção da imagem utilizando cerca de quatro cores predominantes, dois em tons de azul e um par de rosados para encontrar a textura supostamente desejada.

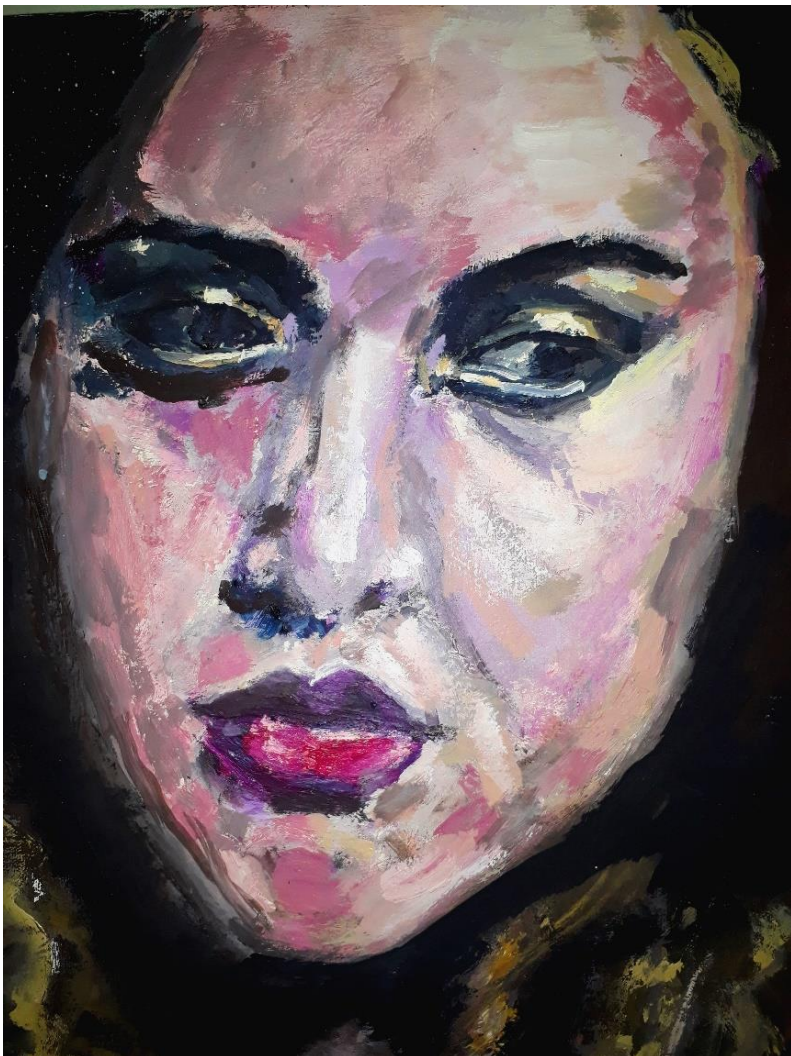


Imagem 10
Sem título
Óleo sobre tela
2019



Imagem 11
Sem título
Têmpera vinílica , acrílica e óleo sobre tela
,2019

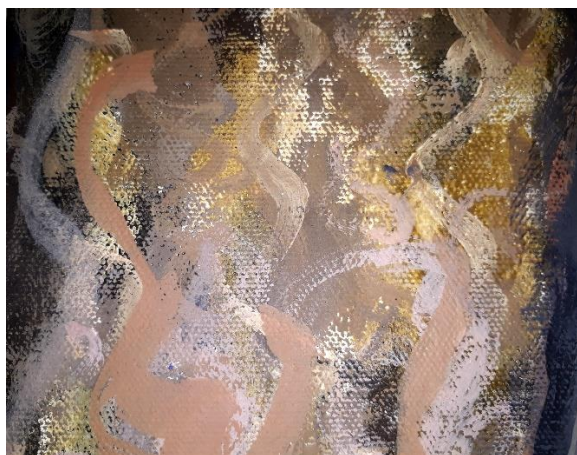


Imagem 12 e 13



Imagem 14
Sem título
Óleo sobre tela
2019



Imagem 15 e 16

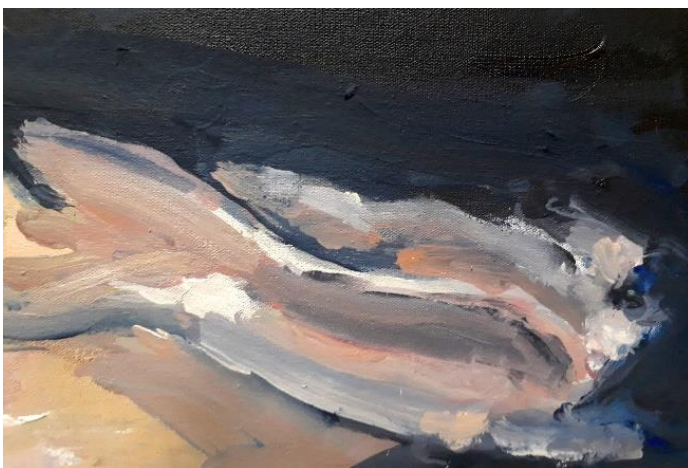




Imagem 17
Sem título
Óleo sobre tela
2019



Imagem 18
Sem título
Óleo sobre tela
2019

20 de dezembro de 2019 , Belo Horizonte

Afeto e Desafeto

Ordem e Caos

Perto e Longe

Belo Horizonte e Quito

Quem é o autor deste livro?

Quem é o autor deste livro?

Quem é a pessoa misteriosa?

Bom,

Sou eu,

Amanda Rosa.

Sim!

Desde o início!

E assim despeço de todos vocês.

Deixo aqui a busca por me encontrar a partir da pintura.

Até logo!

